

“EM DEFESA DO HOMOSSEXUALISMO”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS EFEITOS DE SENTIDO E DA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS

Francicleide Liberato Santos¹
Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas²

Resumo: A nossa análise busca perceber a partir dos posicionamentos assumidos por Hélio Schwartsman a relação interdiscursiva que norteia o seu dizer, permitindo-nos identificar que efeitos de sentido estão presentes na constituição da posição sujeito assumido por este em relação a comunidade homoafetiva. Para tanto, escolheram-se três textos do colunista publicados na Folha de São Paulo, - O pastor e os gays; Em defesa do homossexualismo; Esteira de eufemismos - em que Hélio Schwartsman, a partir dos efeitos de sentidos produzidos pelo dizer de Silas Malafaia, estabelece relações interdiscursivas que asseguram o seu posicionamento e retomam efeitos de sentido preestabelecidos.

Palavras-chave: Discurso; Efeitos de Sentido; Individuação.

Abstract: Our analysis seeks to understand from the positions assumed by Helium Schwartsman interdiscursive the relationship that guides your say, allowing us to determine that meaning effects are present in the establishment of the position taken by this subject in relation to homo-affective community. For both, were chosen three texts columnist published in Folha de São Paulo - The pastor and gay; In defense of homosexuality; Mat euphemisms - that Helium Schwartsman, from the effects of meanings produced by said Silas Malafaia establishes interdiscursive relationships that ensure its positioning and resume meaning effects preestablished.

Keywords: Speech; Effects of Sense; Individuation.

Introdução

É através da materialização dos discursos que são verificados os embates sociais e também as regularidades presentes nos posicionamentos assumidos pelos sujeitos frente a dado acontecimento discursivo. Pensar os acontecimentos linguísticos discursivamente implica pensá-los a partir dos processos histórico-sociais constitutivos da linguagem. Embasando-se neste direcionamento teórico, proporcionado pela Análise de Discurso de base francesa (AD), propõe-se uma análise do posicionamento assumido pelo colunista Hélio

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande - PB (UFCG).

² Orientador (UFCG).

Schwartsman frente ao acontecimento discursivo, envolvendo o posicionamento do pastor Silas Malafaia em relação às comunidades homoafetivas.

Para tanto, escolheram-se três textos do colunista publicados na Folha de São Paulo, - *O pastor e os gays*; *Em defesa do homossexualismo*; *Esteira de eufemismos* - em que Hélio Schwartsman, a partir dos efeitos de sentidos produzidos pelo dizer de Silas Malafaia, estabelece relações interdiscursivas que asseguram o seu posicionamento e retomam efeitos de sentido preestabelecidos. Na perspectiva discursiva, o texto “é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção” (ORLANDI, 2008, p. 22), dessa forma, o texto é o que garante a materialização dos discursos e se constitui a partir do processo de interação, necessitando assim ser analisado extrapolando os limites linguísticos.

O texto é a unidade de significação que revela uma multiplicidade de efeitos de sentido que é compreendida em sua relação de partes com o todo do texto. Apoiando-se neste pressuposto, a presente análise partirá da noção de recorte textual e buscará estabelecer uma relação do acontecimento discursivo com as condições de produção que envolve a situação discursiva. Como nos assegura Orlandi (*ibidem*):

ao se passar para o texto como unidade de discurso, se passa da operação de segmentação para a de recorte. Passa-se da distribuição de segmentos para a relação das partes com o todo, em que se procuram estabelecer, através dos recortes, unidades discursivas (ORLANDI, 2008, p. 22).

É importante ressaltar que a partir da noção discursiva de recorte textual este é entendido como “fragmento correlacionado de linguagem – e - situação” (ORLANDI, 1987, p. 139) e é marcado por sua incompletude. Os recortes textuais são realizados a partir das condições de produção e os efeitos de sentido gerados por estes em um dado acontecimento discursivo. A noção de incompletude relaciona-se com o caráter simbólico da linguagem, um recorte não encerra os efeitos de sentido de um texto, mas aponta para umas das multiplicidades de sentidos possíveis. A multiplicidade de sentidos revela que o texto não pode ser considerado um todo homogêneo, em um mesmo texto encontram-se discursos diversos que se apoiam em *formações discursivas* distintas. A importância de se depreender os recortes textuais encontra-se no fato destes possibilitarem compreender o texto enquanto mecanismo de funcionamento discursivo, dessa forma, busca-se estabelecer relações significativas entre elementos significantes.

Em função destes recortes textuais trazem-se para a análise as *sequências discursivas* que nos permite operacionalizar os conceitos teóricos da AD e nos proporciona analisar o acontecimento discursivo correspondente a certo lugar apoiado em uma dada formação social, perpassada por implicações ideológicas que revelam a individuação do sujeito. Neste movimento discursivo, apresentaremos os conceitos de sujeito e como este se torna individuado, assim como a relação interdiscursiva que nos permite identificar os efeitos de sentido que envolvem o discurso, visto que, a produção de sentidos se instaura a partir das relações sociais, como nos assegura Sobrinho (2011, p. 112) “o sentido de uma palavra não se dá *a priori*, pois é sempre produzido em uma conjuntura histórica determinada pelas forças em lutas”, ou seja, os efeitos de sentido são produzidos a partir das posições ideológicas dos sujeitos perpassados por dada conjuntura histórico-social que demonstram e justificam os embates presentes a respeito de um mesmo tema.

IDEOLOGIA E SUJEITO: RE-SIGNIFICANDO CONCEITOS

A AD caracteriza-se por ser uma teoria não-subjetiva que busca compreender os processos subjetivos da linguagem percebidos através dos processos discursivos apoiados em dadas formações sociais. Estas nos permite considerar que linguagem e efeitos de sentido não são transparentes, uma vez que estes são determinados pela ideologia e esta, para AD, não se encontra no texto em si, na sua linearidade, mas reside na sua materialidade, que nos permite identificar a produção e realização de discursos.

Como nos assegura Orlandi (2007, p. 21): “O discurso, definido em sua materialidade simbólica, é efeito de sentidos entre os locutores, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”. Com isso, percebemos que o discurso é marcado historicamente, apoia-se em um já dito para produzir novos sentidos mediante o lugar social em que se inscreve. O discurso, dessa forma, se coloca em circulação, podendo ser compreendido enquanto “uma prática que relaciona a língua com ‘outras práticas’ no campo social. O discurso deve ser pensado, portanto, enquanto ‘prática discursiva’.” (GREGOLIN, 2001, p.14). Enquanto prática discursiva ele é o lugar de conflitos que direciona as práticas sociais. Torna-se um lugar de conflitos por se relacionar diretamente com outras práticas sociais, agindo sobre o mundo e sobre os sujeitos.

É por meio dos discursos que o sujeito se constitui e se mostra marcado pela heterogeneidade discursiva. Esta demonstra o lugar de onde o sujeito enuncia e este lugar é compreendido como a representação dos traços sociais que determinam o que o sujeito pode

ou não enunciar. Entende-se que ao produzir seus discursos o indivíduo enquanto sujeito discursivo não expressa sua consciência livre de interferências, ao contrário, aquilo que ele realiza é resultado das práticas discursivas que lhe são anteriores, que foram por ele interiorizados em função da exposição sócio histórica a que está submetido.

Os sujeitos não são aptos a construir seus discursos por estarem vinculados aos dizeres que circulam na sociedade. O indivíduo é interpelado em sujeito discursivo ao apoiar seu dizer em uma dada Formação Discursiva (FD) e não em outra, portanto a FD é o lugar de constituição do sujeito e dos efeitos de sentido. Podemos compreender então, que o sujeito não pode ser considerado um ser individual, que produz seus dizeres com liberdade. O sujeito encontra-se interpelado pelas relações sociais e estas por sua vez são interpeladas politicamente. O caráter político que envolve as relações sociais é que determina a individuação do sujeito ao Estado. O Estado individua o sujeito através das instituições, estas criam a ilusão que o sujeito é livre e responsável por seus dizeres, porém este é afetado sócio-histórico e ideologicamente pela língua que o leva a identificar-se em uma dada FD resultando diferentes posições sujeitos referentes a diferentes formações sociais.

Como nos assegura Orlandi (2011, p. 42), “a noção de sujeito individuado não é psicológica, mas política, ou seja, relação indivíduo – sociedade é uma relação política”, assim sendo, existe uma relação de interdependência entre estes não podendo pensá-los ou analisá-los separadamente. Mediante este processo os efeitos de sentido de uma palavra não se encontram em si mesma, mas é determinado pelas posições ideológicas que perpassam os sujeitos e seus discursos sócio-historicamente. De acordo com Pêcheux (1988, p. 160): “É a ideologia que fornece evidências (...) que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’”, assim o sujeito enuncia e produz efeitos de sentido perpassado por uma formação ideológica (FI) que assegura dada FD.

A FD é o que determina o que o sujeito pode ou não dizer em uma dada conjuntura social, desta forma, “as palavras, expressões, proposições, etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (*Ibidem*). Ao apoiar seu dizer em uma FD e não em outra o sujeito demonstra que em seu discurso existem equívocos e deslizamentos que revelam o lugar de resistência tanto daquele que enuncia quanto do que escuta. Este movimento só é possível a partir dos gestos de interpretação que revelam a presença da ideologia.

Compreende-se, pois que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 46), esta se materializa no discurso que, por sua vez, é

materializado pela linguagem em forma de texto, é a ideologia o componente fundamental das condições de produção que interpelam o sujeito no seu dizer, fazendo com que haja efeitos de sentidos distintos mediante o mesmo tema.

Pela diversidade de sentidos presentes em todo discurso, afirma-se que “nenhum discurso começa na primeira linha que é dita nem se termina no ponto final que o encerra” (CORRÊA, 2002, p. 61). Compreende-se que, para a AD, os sentidos são construídos a partir do processo de interlocução, “referido às condições de produção [...] do discurso” (BRANDÃO, 2004, p.110), essas condições constituem-se em contexto histórico-social e ideológico, interlocutores, entre outros que se fazem presentes nos processos de produção do discurso. Um discurso resulta sempre de um discurso prévio, em decorrência de um processo discursivo, no interior do qual todo dizer está inserido.

Esse processo atesta a presença do *interdiscurso*, ou *memória discursiva* que se refere à “relação que todo discurso mantém necessariamente com algo que lhe é prévio” (CORRÊA, 2002, p.61.), ou seja, com aquilo que fala antes e que assegura o atual. Afirma-se então, que “interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2007, p.33). As relações de sentidos estabelecidas no interior dos dizeres estão intrinsecamente relacionadas com o entrelaçamento de diversos discursos, providos de diferentes momentos histórico-sociais. Assegura-se que o interdiscurso é a sede das construções sociais de sentido que compõem a memória dos “já-ditos” vigentes na sociedade.

A partir destes apontamentos a nossa análise busca perceber a partir dos posicionamentos assumidos por Hélio Schwartsman a relação interdiscursiva que norteia o seu dizer, permitindo-nos identificar que efeitos de sentido estão presentes na constituição da posição sujeito assumido por este em relação à comunidade homoafetiva.

“EM DEFESA DO HOMOSSEXUALISMO”: CONSTITUIÇÃO E INDIVIDUAÇÃO DO SUJEITO

Nosso corpus é constituído pelos recortes textuais (RT) realizados a partir de três textos de Hélio Schwartsman publicados em sua coluna no jornal Folha de São Paulo, a saber, *O pastor e os gays*; *Em defesa do homossexualismo*; *Esteira de eufemismos*. Vamos aos recortes:

Recorte Textual (RT) 1:

Psicólogos podem tentar curar gays? A guerra de abaixo-assinados contra e a favor da cassação do registro profissional de psicólogo do pastor Silas Malafaia devido a suas declarações sobre o homossexualismo coloca essa candente questão na ordem do dia.

O questionamento iniciado no RT 1 - *Psicólogos podem curar gays?* – associa o homossexualismo a um fenômeno de ordem patológica, isto é perceptível pela escolha do verbo “curar” situado e relacionado ao campo das enfermidades. Os efeitos de sentido presentes na palavra “curar” são resultados das relações ideológicas que perpassam os sujeitos e que, através da materialidade do discurso, encontram-se expostos ‘ao equívoco da língua, sendo, portanto suscetível de torna-se outro’ (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2008, p. 60). A polêmica do assunto se dá exatamente pelos efeitos de sentido presentes no uso do verbo curar que apoiado uma FD religiosa, relaciona a homossexualidade a uma doença que pode ser curada a partir da reorientação com um profissional.

Podemos ainda depreender que existe uma relação com a memória interdiscursiva naturalista que associa o comportamento patológico do homem e seus desejos sexuais como frutos do meio que vive e que influencia diretamente o comportamento humano, revelando assim, que o sujeito “gay” é individuado como “doente”, que deve ser tratado cientificamente pela psicologia.

Recorte Textual (RT) 2:

(...) Defender a liberdade de expressão é defender a possibilidade de os outros afirmarem exatamente aquilo que não queremos ouvir.

O RT revela a contradição constitutiva do sujeito: o sujeito imagina-se livre para produzir seu próprio discurso, porém se apoia em já-ditos para produzir sentidos, ou seja, o que o sujeito diz é sempre determinado pela relação com a exterioridade do seu dizer. Este sujeito não é entendido por suas características psicológicas, ele é perpassado pela ideologia da sociedade capitalista, fazendo com que “o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade” (ORLANDI, 2007, p. 51), ou seja, tem-se a concepção que temos *liberdade de expressão*, assegurada ainda pela relação interdiscursiva com a Constituição Federal - Art. 5, inc. IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença - porém esta é determinada por regras que determinam o que deve ou não ser dito, respeitando ainda o que se considera politicamente correto.

O RT mostra-nos ainda o lugar de institucionalização do dizer, ou seja, não basta apenas dizer, o discurso só irá produzir determinados efeitos de sentido mediante a posição social ocupada pelo sujeito, ou seja, como psicólogo o sujeito não pode afirmar e proferir qualquer discurso, especificamente, em nossa análise, insinuar que a orientação sexual tem raízes patológicas, uma vez que, ocupando o lugar de sujeito psicólogo o seu discurso sustenta-se em um arquivo que proíbe os profissionais desta área ‘patologizar’ a homossexualidade.

Temos então um sujeito individuado ao Estado que, de acordo com a Constituição que rege nosso país tem liberdade de expressão, porém o mesmo não pode posicionar-se infringindo as regras do discurso politicamente correto, o que nos leva a identificar uma aparente liberdade de expressão, visto que o sujeito encontra-se subjugado por um documento que tanto lhe assegura um direito como também o condiciona.

Recorte Textual (RT) 3:

(...) O que complica o caso de Malafaia é que ele é a um só tempo clérigo e psicólogo e costuma restringir suas declarações polêmicas às ocasiões em que se manifesta como sacerdote. Se isso basta para limpar sua barra, é o que o conselho de psicologia do Rio, onde corre um processo ético, terá de decidir. Se fosse eu a julgar, no mínimo exigiria que ele avisasse que não fala como psicólogo quando se refere ao homossexualismo.

O RT demonstra o porquê do discurso conflituoso de Silas Malafaia, ele ocupa o lugar de dois sujeitos sociais distintos – pastor e psicólogo. Como pastor, o seu discurso remete à memória discursiva da igreja que representa, esta se apoia em uma FD que não concorda com a homossexualidade e vê esta como um comportamento que pode ser reorientado. Verifica-se que a posição de sujeito resulta do apagamento deste como sujeito – leitor que se encontra submetido a uma instituição que detém o discurso de originalidade que é, em relação ao sujeito homossexual, o discurso de exclusão. Como psicólogo, Silas vai de encontro aos princípios que regem o arquivo da psicologia. Assim o sujeito necessita controlar o seu discurso, visto que a memória discursiva desta ciência não sustenta a possibilidade de seu dizer.

O conflito verificado no RT ocorre por que Silas Malafaia oscila entre a posição sujeito intérprete e cientista. Como cientista, o seu discurso é legitimado exerce influência política e social produzindo uma leitura/ interpretação original. Como intérprete, ele só pode sustentar anonimamente as interpretações originais. Porém não há na psicologia memória discursiva que sustente a relação homossexualismo/homossexualidade = doença.

Recorte Textual (RT) 4:

Compreendo que os gays procurem levantar bandeiras, inclusive linguísticas, para mobilizar as pessoas. Em nome da cortesia pública, eu me disporia a adotar a forma "homossexualidade", desde que ela fosse defendida como uma simples predileção. Mas, enquanto tentarem justificar essa opção com base em delírios etimológicos, sinto-me no dever de continuar usando a variante em "-ismo". Alguém, afinal, precisa zelar para que preconceitos não invadam e conspurquem o universo de sufixos, prefixos e infixos. A batalha pode ser inglória, mas a causa é justa.

O RT demonstra a diferença marcada pela inscrição em FDs que se apoiam em relações interdiscursivas distintas: a relação interdiscursiva das minorias - *os gays procurem levantar bandeiras* - e a daqueles que ditam as regras que devem ser seguidas - *Alguém, afinal, precisa zelar para que preconceitos não invadam e conspurquem o universo de sufixos, prefixos e infixos*. Aqui os sujeitos encontram-se individuados pelo discurso ditatório, de um lado a comunidade homoafetiva que tenta controlar o dizer do colunista afirmando que o uso do termo homossexualismo remete a um discurso patológico e de outro o do colunista – Hélio Schwartzman que se vale da regras de institucionalização da língua para continuar usando o termo homossexualismo. Temos então mecanismos de controle do dizer que visam impor regras que direcionem os indivíduos submetendo-os a quaisquer práticas impostas a estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões aqui traçadas evidenciou-se que o que determina a posição sujeito relaciona-se com a formação discursiva que este se inscreve. Assim sendo, a partir dos posicionamentos expostos pelo colunista Hélio Schwartzman, a comunidade homoafetiva encontra-se segregada e relacionada a uma minoria que ora é individuada pelo discurso científico como ‘doentes’ ora é individuada pelo Estado e sua Constituição. Estas formas de individuação não atingem apenas a comunidade homoafetiva tida como minoria, mas também aqueles que são vistos como maioria e segregadores, uma vez que estes também necessitam posicionar-se dentro do discurso do politicamente correto em que nem tudo o que se pensa pode ser tido.

Nesse contexto, percebe-se ainda que às minorias ganham espaço e passam a ter visibilidade o que demonstra o discurso de resistência e não aceitação de serem representados pelos grupos dominantes. A busca pelo reconhecimento social, apoiados pela relação interdiscursiva do discurso da conquista da cidadania, busca desfazer o caráter dominante exercido por aqueles que pertencem às comunidades heterossexuais na tentativa de passarem

a ser entendidas como diversidade cultural, isto se evidencia no RT 4 - *Compreendo que os gays procurem levantar bandeiras, inclusive linguísticas, para mobilizar as pessoas. Em nome da cortesia pública, eu me disporia a adotar a forma "homossexualidade", desde que ela fosse defendida como uma simples predileção. Mas, enquanto tentarem justificar essa opção com base em delírios etimológicos, sinto-me no dever de continuar usando a variante em "-ismo"* - neste é possível verificar a tentativa de controle do dizer remetendo ainda a memória da ditadura, negando a liberdade de expressão presente na Constituição.

Verifica-se ainda a presença de discursos que se contradizem, visto que em dado momento a minoria encontra-se segregada e em outros esta minoria exercer funções de segregar, isto é possível visto que, o mesmo sujeito pode ocupar FDs distintas ao se identificar-se ou desidentificar-se com uma ou outra FI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Editora Unicamp. 2004.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. A visão discursiva: linguagem, língua e discurso. In:_____. *Linguagem e Comunicação Social: visões da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2002, p.55-64.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2 ed. São Paulo: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 2 ed. Campinas: São Paulo, Pontes, 1987.

_____. *Análise de Discursos: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 2007.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3 ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 2008.

_____. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas conseqüências sujeito/história e indivíduo/sociedade. In: INDURSKY, F; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p.37 – 54.

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. Sujeito do Discurso, Ideologia e Luta de Classes: um espectro ronda a ad e não cessa de produzir efeitos. In: INDURSKY, F; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p.105- 123.